

O MONÓLOGO ENQUANTO ATO DIALÓGICO EM *ÁGUA VIVA*, DE CLARICE LISPECTOR

VARELA, Lorena¹
MAGALHÃES, Anderson Salvaterra²

RESUMO

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e fundamentada em levantamento bibliográfico-documental, tem como objetivo investigar o funcionamento do monólogo na obra *Água viva*, de Clarice Lispector, articulando a forma monologal ao fenômeno dialógico conforme os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin. Partindo da concepção do enunciado como uma construção atravessada pela alteridade e pela responsividade, analisamos como o monólogo clariceano se configura não como uma atividade isolada, mas como prática discursiva permeada pela expressividade e pela escuta responsiva silenciosa. A pesquisa busca compreender como os processos interacionais se organizam na estrutura monologal, investigando aspectos como o constante endereçamento ao outro, o desdobramento de posições estéticas e a relação volitiva com os tópicos abordados, destacando a compreensão silenciosa como condição fundamental para a produção e sustentação do monólogo. Além disso, consideramos o monólogo como elo na cadeia discursiva, eticamente implicado na relação com o outro, e a expressividade como força estruturante e condicional da forma monologal, na qual a linguagem é concebida tanto como matéria estética quanto como campo de experimentação.

Palavras-chave: monólogo; dialogismo; Clarice Lispector; discurso.

INTRODUÇÃO

Dialogicamente falando, a língua é o fenômeno da interação entre — no mínimo — dois sujeitos socialmente situados, sendo realizado por enunciados concretos (Bakhtin, 2020d), que refletem as condições singulares de cada um dos sujeitos participantes e a finalidade de cada campo da interação. A partir desses valores, que são ativados pelas pistas materiais, podemos entender o discurso como o processo dessa interação social, que se projeta como elos de uma corrente. Nesse processo, é fundamental considerar o discurso interior, entendido como o conjunto de vivências, percepções e valores singulares que o sujeito acumula a partir de suas interações sociais e históricas, e no qual se confrontam signos apreendidos do outro com o repertório próprio do enunciador, produzindo novas relações de sentido (Volóchinov, 2018). Esse espaço interno de elaboração não é isolado, pois está atravessado por vozes e valores sociais que, reelaborados, podem emergir em novos enunciados.

Água viva, de Clarice Lispector, é um texto marcado pelo fluxo de consciência, alternando percepções do mundo interno e externo de forma aparentemente descontínua.

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos; Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Guarulhos; São Paulo; lovacardoso@gmail.com.

² Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem; Professor Associado em Estudos Linguísticos; Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Guarulhos; São Paulo; asmagalhaes@unifesp.br

A ausência de alternância explícita de participantes e a não identificação do interlocutor promove uma interação que ultrapassa tempo e espaço, e que enfatiza uma tensão entre o solilóquio e o diálogo. Mesmo com a enunciativa afirmando que está sozinha em casa, o texto é marcado por um constante endereçamento ao outro, que não assume a palavra, mas influencia direta e indiretamente tanto a forma quanto o conteúdo enunciativo.

Este estudo adota a Análise Dialógica do Discurso (ADD), inspirada no Círculo de Bakhtin, que entende a arte como comunicação estética inserida no fluxo social, conduzindo trocas ideológicas como qualquer outro campo da comunicação humana. Dessa perspectiva, o discurso estético emerge como uma forma específica de interação simbólica, capaz de condensar visões de mundo e valores singulares, razão pela qual a literatura atua como um espaço de registro e circulação de monólogos.

Na perspectiva dialógica, o monólogo não se confunde com o monologismo. Enquanto este último se caracteriza pela ausência de abertura ao outro e pelo fechamento de sentido na voz do enunciador, o monólogo é compreendido como forma de manifestação do enunciado em que não há alternância empírica de falas, mas que ainda se dirige a um interlocutor e pressupõe resposta — mesmo que silenciosa, retardada ou projetada. Por essa razão, urge traçarmos a distinção entre participantes do enunciado e parceiros dialógicos: Os participantes do enunciado correspondem às posições textualmente indicadas na situação imediata — enunciador, enunciatário e objeto enunciativo —, que assumem papéis diretos na interação discursiva. Já os parceiros dialógicos abrangem sujeitos que não estão presentes de forma imediata, mas que influenciam a construção do enunciado por meio das vozes e valores incorporados ao discurso interior do enunciador. Esses parceiros podem ser pessoas concretas, discursos anteriores ou até entidades mais abstratas, como o supradestinatório, situado acima dos interlocutores imediatos e que funciona como referência de sentido e valor para o discurso. (Bakhtin, 2020d e Faraco, 2024).

Nessa rede de interações, expressividade e compreensão constituem dimensões inseparáveis do ato enunciativo. A expressividade é a atualização concreta da relação valorativa do enunciador com o objeto, manifestando-se pela entonação e pelas escolhas lexicais, composicionais e estilísticas que conferem singularidade ao enunciado (Bakhtin, 2020d). Já a compreensão, longe de ser passiva, é sempre responsiva: ao entrar em contato com o enunciado, o interlocutor o interpreta a partir de seu próprio discurso interior, reorganizando e reacentuando o que foi dito. É nesse movimento que a expressividade inicial encontra novas camadas de sentido, pois cada ato de compreensão, ao responder, também expressa. Assim, produzir e compreender são momentos distintos de um mesmo processo dialógico, no qual a palavra é continuamente recriada. Quando não há a construção imediata de um novo enunciado-resposta, dizemos que houve uma compreensão silenciosa que, mesmo sem ocorrência verbal, é um ato responsivo por natureza, pois envolve um engajamento ativo do interlocutor com o enunciado. É justamente essa compreensão que constitui a natureza do monólogo, permitindo que a identidade e o posicionamento do enunciador seja enfatizada, sem que isso implique na negação da natureza dialógica da linguagem.

A relação entre ética e estética também se mostra central. O ato ético envolve a responsabilidade singular do sujeito por aquilo que diz e faz no mundo, enquanto o ato estético organiza formalmente esse posicionamento, permitindo que a obra seja percebida como totalidade. A criação artística, assim, não é apenas elaboração formal, mas também um ato responsável, no qual o autor-criador — instância que concebe e organiza a obra a partir de sua posição exotópica — constrói um objeto que dialoga com valores coletivos e com seu repertório singular de experiência. Já o autor-contemplador, que é a instância interpretativa do próprio criador diante da obra finalizada, permite-lhe perceber o objeto esteticamente como um outro, completando o ciclo de interação e inserindo a obra literária no estatuto enunciativo.

Dessa forma, no monólogo literário, como em **Água viva**, a expressividade, a compreensão, a identidade e a alteridade se entrelaçam na produção de sentidos, articulando ética e estética em um processo contínuo de circulação de vozes e valores no espaço social.

OBJETIVOS

Como objetivo desta pesquisa, visamos compreender de que maneira os processos dialógicos, tais como a expressividade, a compreensão e a interação verbal, ocorrem no ato monologal, a partir da análise textual e discursiva de **Água viva**.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, bibliográfico-documental, que utiliza como objeto o texto literário estável, no caso, **Água viva** de Clarice Lispector, selecionado por sua estrutura monologal e por apresentar um diálogo interno marcado pela metalinguagem e pela singularidade enunciativa. O texto permite analisar o grau de dialogicidade em uma performance aparentemente monológica.

Os procedimentos analíticos envolveram: (a) descrição dos marcadores enunciativos — especialmente pronominais e verbais — que indicam o endereçamento e a presença implícita de um enunciatário, evidenciando a expressividade e a tensão entre presença e ausência; (b) análise da compreensão responsiva silenciosa, identificando pausas temáticas, perguntas não respondidas e quebras de fluxo como sinais do diálogo interno e da alternância entre as posições de autor-criador e autor-contemplador; (c) interpretação do monólogo como elo na corrente discursiva, a partir da observação dos recursos metalinguageiros, situando-o como manifestação singular que articula elementos estéticos, éticos e filosóficos, extrapolando a situação imediata e refletindo valores coletivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação buscou compreender como um monólogo literário, especificamente *Água Viva* de Clarice Lispector, manifesta procedimentos dialógicos mesmo na ausência de um interlocutor presente. O estudo partiu da perspectiva bakhtiniana do enunciado concreto, analisando como a obra revela relações entre enunciador, objeto e enunciatário. Observamos que a configuração monologal não exclui a presença do outro, mas o incorpora de forma implícita, seja por meio de marcas linguísticas, seja pela construção valorativa do discurso. Considere o seguinte trecho:

Na verdade ainda não estou vendo bem o fio da meada do que estou te escrevendo. Acho que nunca verei — mas admito o escuro onde fulgem os dois olhos da pantera macia. A escuridão é o meu caldo de cultura. A escuridão feérica. Vou te falando e me arriscando a desconexão: sou subterraneamente inatingível pelo meu conhecimento. Escrevo-te porque não me entendo”

Foram identificados marcadores formais que evidenciam a presença de um destinatário, como pronomes e flexões verbais na segunda pessoa, que mostram indícios de uma relação afetiva e responsiva entre as instâncias enunciativas. Essa interlocução implícita revela um movimento contínuo de endereçamento e resposta, ainda que silenciosa, sustentando o caráter interativo da obra. As escolhas lexicais e a entonação também desempenham papel central, reforçando a expressividade como elemento de singularização do enunciado.

A análise destacou ainda o papel da compreensão responsiva silenciosa, entendida como a elaboração interna do sentido na ausência de resposta verbal imediata.

No texto, essa dinâmica se materializa em perguntas não respondidas, mudanças súbitas de tema e reflexões que evidenciam a tensão entre conhecer e não conhecer. Tal recurso funciona como artifício estético, ampliando a densidade filosófica e poética do monólogo, e confirma que o silêncio, longe de ser vazio, participa ativamente da construção de sentidos.

Por fim, o monólogo foi interpretado como elo na corrente discursiva, uma forma que, embora pareça isolada, mantém vínculos com valores coletivos e outros discursos. Essa compreensão se sustenta na distinção entre autor-criador e autor-contemplador, completando o ciclo ético e estético da criação. Assim, **Água viva** se mostra não apenas como um solilóquio, mas como um ponto de encontro entre subjetividade e alteridade, capaz de reverberar em diferentes campos discursivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

O estudo demonstra que, embora construído em forma monologal, **Água viva** mantém um forte caráter dialógico, sustentado pelo endereçamento constante a um outro e pela presença de compreensão responsiva silenciosa. Esse interlocutor implícito orienta a estrutura e o conteúdo, enfatizando a expressividade como elo entre monólogo e diálogo, e conferindo ao ato de dizer dimensão ética e estética. O silêncio, longe de indicar ausência, atua como recurso expressivo: pausas, quebras de fluxo e instabilidade temática compõem uma estética da incompletude, na qual forma e conteúdo se constroem simultaneamente. A compreensão silenciosa, nesse contexto, intensifica o gesto expressivo e confirma que a interação pode ocorrer mesmo sem a troca explícita de turnos de fala. A alternância entre autor-criador e autor-contemplador evidencia a linguagem como alteridade e como espaço de tensão. O discurso se constrói e se observa simultaneamente, permitindo que a subjetividade se forme na mediação com o outro — seja este uma pessoa, uma ideia ou a própria linguagem. Assim, o monólogo é compreendido como gesto responsivo capaz de transformar experiências singulares em manifestações coletivas. Sua incompletude preserva a abertura para múltiplos sentidos, garantindo a continuidade da corrente discursiva e reafirmando a centralidade da expressividade e da compreensão na construção estética e ética da obra.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In: Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes. 2020.

FARACO, C. A. O enigma do terceiro em Bakhtin. In: PISTORI, MHC; et.al. Beth Brait: Autora. Personagem. Diálogos. São Paulo: HUICITEC. 2024.

LISPECTOR, Clarice. Água Viva. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2018.